

Serafim Leite S. I.

NOVAS CARTAS JESUÍTICAS

(De Nóbrega a Vieira)

9.

A Missão dos Carijós — 1605-1607

Relação do P. Jerónimo Rodrigues (84).

A missão dos Carijós, já desde o tempo do P. Nóbrega e do P. Luís da Grã, foi muito desejada, e por vezes tentada, assim pelo P. Nóbrega, como por nossos Irmãos João de Sousa e Pero Correia, que, indo-lhes prégar o Evangelho, foram mortos por eles, cujo sangue parece estar até agora pedindo misericórdia pera quem tanto bem lhes fez alcançar. Mas, com a ida do Padre Provincial Fernão Cardim a Roma, nosso R. Padre Geral Cláudio Aquaviva lhe ordenou e encomendou, muito esta missão, por ser de muito serviço de

(84) *Bras. 15, 73-100v. Notitiae Missionum Brasiliensium*. Original, em português. O autor, que não vem assinado, é o P. Jerónimo Rodrigues, companheiro do P. João Lobato, nesta missão. O P. Lobato e eu... Ambos grandes sertanistas. O primeiro, natural de Cucanha, tinha vindo para o Brasil em 1572 e faleceu em Reritiba, octogenário, em 1631 (*Lus. 19, 65; Lus. 58, 20*). O P. João Lobato, de Lisboa, entrou na Baía, em 1563, e foi tido por santo ainda em vida. Faleceu no Rio, a 29 de Janeiro de 1629 (*Bras. 13, 13; Simão de Vasconcelos, Vida do P. João de Almeida, 38-39*). Já na *História*, I, 330, nos referimos a esta relação (de que publicamos alguns passos), e a outras cartas de Jerónimo Rodrigues, insertas na *Relação Anual*, de Fernão Guerreiro (II, 419-424). Publicamo-la agora na íntegra. Jerónimo Rodrigues não diz a quem se dirige. Infere-se do contexto que foi a um Padre, de S. Vicente para cima: os

Deus Nosso Senhor, e salvação das almas. O que, logo que chegou ao Brasil, pôs por obra, tomando por princípio e boa ocasião, escrever-lhe Bastião Pedroso, ouvidor e irmão de Pero Vaz, capitão de S. Vicente, em que lhe pedia Padres pera virem com ele a pousar no Rio de S. Francisco, que está naquela paragem, aonde os Carijós mataram nossos Irmãos, pera o que o Padre Provincial escolheu ao P. João Lobato, por superior da missão, e ao P. Jerónimo Rodrigues por seu companheiro, trazendo-os consigo até Santos. Mas, arrependendo-se Bastião Pedroso, e faltando com o que tinha pedido ao Padre, permitindo-o assim Deus Nosso Senhor (porque me disseram haverem-lhe dito, se levais Padres convosco não heis de fazer nada), o Padre Provincial, vendo-se enganado, movido com o zelo da honra de Deus e salvação das almas, e juntamente porque, chegando-se a festa da Páscoa, a pobre gente da Cananeia, que estava sem vigario pudessem ter alguma consolação e remédio para se confessarem e comun-

bichos dos pés, *de cá*, são mais miudos que os de *lá*; cem indios, *de cá*, fazem menos matizada que quatro dos de *lá*. Portanto, de uma terra, onde havia indios e bichos de pé, para outra onde também os havia: do Brasil para o Brasil. Importavam aos Padres os costumes dos Indios e as possibilidades de estabelecer lá uma missão. Daqui o cuidado do escritor em anotar as dificuldades da alimentação e do viver. A história e a convivência dos irmãos *Tubarões*, na escravidão, é elucidativa... Toda esta Relação está escrita num estilo desenfastiado e contém preciosas informações sobre a etnografia e vida social daquela gente, e por um escritor, que não escrevia por ouvir dizer, mas via com os seus próprios olhos: "não há uma hora que umas meninas foram à fonte, que está aqui pegada com o nosso tejupar"...

Dada a extensão desta Informação, em vez de indicar, no princípio, os parágrafos, como temos feito, preferimos inseri-los no decurso dela, para mais distinção dos assuntos.

garem, *in nomine Domini* nos mandou, não deixando também de cuidar, poderia Diogo de Medina, Capitão da Cananeia, ter algum navio que nos pudesse pôr na terra dos Carijós.

DE SANTOS A CANANEIA POR TERRA

Recebida pois a benção do Padre Provincial, que foi aos 25 de Março, dia da Anunciação de Nossa Senhora, que foi a uma sexta-feira, o Padre se partiu pera o Rio. E logo ao domingo seguinte, que foram 27 do mesmo mês, nos partimos o Padre João Lobato e eu, com sete índios de S. Bernabé, scilicet, três, que connosco vieram do Rio, e quatro que o Padre tomou em Santos, de uma canôa que alí tinha vindo. E com outros três carijós e outro, com sua mulher, que, por todos, fazíamos 14, nos partimos, não levando connosco mais que um círio de farinha e o ornamento da igreja, porque todo o mais fato deixamos em Santos até que na Cananeia houvesse remédio para vir por êle.

Partindo, pois, como digo, aos 27 de Março, que era *Dominica in Passione*, ainda que trazíamos *sacculum*, *peram et calceamenta*, contudo não faltava o desejo de tudo isto. E bem se podia dizer não trazermos nada disto, pois os mandados por obediência nada levam consigo. E assim na primeira casa em que entramos, sendo já noite, depois de darmos paz aos presentes, soube-mos não estarem em casa os senhores dela, por serem idos a S. Vicente. E assim não [houve] quem nos agasalhasse; mas logo o Senhor nos quis consolar com alguns Carijós, que alí estavam, nos pedirem que os confessássemos, o que fizemos de muito boamente. E nisso passamos parte da noite, fazendo o mesmo com todos

os que dali até a Cananeia de nosso ministério se quiseram servir, graças a Deus.

Ao segundo dia chegamos a nossa Senhora da Conceição (85) aonde dissemos Missa, e o Padre João Lobato entregou ao mordomo de Nossa Senhora, esmola de azeite, e uma guarda rica, com um rosairo de cristal, cujos extremos e cruz eram de ouro, que lhe mandava um João de Alvarenga. E foi o mordomo de tal condição que por mais que lhe pedimos pusesse aquele rosairo ao pescoço da Senhora, pera nossa consolação, e pera testemunhas de lhe ser oferecido, nunca o pudemos acabar com ele; e mais trazendo o Padre Provincial esta esmola a seu carregio, que, por nós virmos por ali, e ele estar de pressa, a não trouxe. Dali fizemos nosso caminho, despedindo-nos da Senhora. E fomos dormir dali a cinco léguas. E tão mal tratados dos pés, da práia, que não podíamos dar passada. E, com ser já noite, estávamos em jejum, mas tivemos muito boa pousada em casa de Pero Guedes, sobrinho do Padre Diogo Nunes, que como vinha connosco de Itanhaém estando lá fazendo o sepulcro (86) não nos pôde fazer tudo o que desejava. Contudo, achamos farinha fresca e umas piquiras salgadas, que, pera quem estava como nós estávamos, muito menos bastara, que era a rêde de que mais necessidade tínhamos.

Ao terceiro dia, subimos por uma serra, não muito ingreme, que dizem ser da casa de Santos na qual serra me parece haver mais de 15 águas fermosíssimas e excellentíssimas. E como eu vinha muito suado e sequioso, da sêde grande que o dia atrás passado padeci, por não haver água naquela práia (e as piquiras salgadas aju-

(85) Nossa Senhora da Conceição, de Itanhaém.

(86) Para a cerimónia liturgica do enterro de Jesus, sexta-feira santa.

daram também), meti-me naquelas águas em jejum; e de tal maneira me perturbaram, que fazia das tripas coração, como dizem. Mas como o Padre, que ia diante desapareceu, desmaiei, caindo no chão, e totalmente parece que desfalecia. Aquí, nesta serra, ao descer da outra banda, com o grande suor, me caíram os óculos do nariz, com que via ao longe e ao perto, que me tinha mandado o P. Cristóvão de Gouveia, do Reino (87). E, quebrando-se ambos os vidros, por mais que fiz nunca pude achar todos os pedaços. E assim estou cego sem eles. E, pera mais ajuda, assim o Padre como eu, com as muitas areias e ventos que cá ha, e com comermos ordinariamente legumes, temos perdido muita vista.

Chegados a um rio, que se chama Acaraiim, não achando canôa, mandou o Padre buscar uma daí a duas outras léguas. E no espaço, que fizeram, em ir e vir, que foram quasi dous dias, além de haver pouco que comer, foram tantos os mosquitos, que nem de dia nem de noite se podia homem valer, nem bastava passear pola práia. Mas, vindo a canôa, eu só me fui nela com algum fato. E o Padre se foi por terra a outro rio, aonde sendo já noite, e não tendo canôa, cheguei eu, deixando a em que ia, indo só por uns matos ficando os moços em guarda do fato, com assaz de perigo dalguma onça. E chegando ao Padre, achei-o de noite sem fogo, e molhado, e eu não muito enxuto, mas, vendo não termos canôa, às apalpadelas e quasi na lama nos agasalhamos. Mas não tardou muito Nosso Senhor com o socorro de uma canôa, na qual, embarcados, fomos ter a uma povoaçãozinha de brancos, que nos agasalharam muito bem. E depois de confessarmos alguns, ao outro dia nos partimos, encontrando, neste dia, Diogo de Medina com alguns outros brancos que se vinham con-

(87) Visitador do Brasil, de 1583 a 1589.

fessar pola obrigação, o qual sumamente se alegrou com nossa chegada. E, posto que sua mulher e filhas, que tinham ido diante estavam já em Itanhaém, dali mesmo se tornou connosco. E todo o tempo, que estivemos na Cananeia que passaram de três meses, mostrou bem o amor que a toda a Companhia tem. Mas a pobreza faz muitas vezes não poderem os amigos fazer quanto desejam a seus amigos.

Passada esta noite, na qual Diogo de Medina nunca quis dormir em rede, por voto de todas as sextas-feiras não dormir nela nem em cama, subimos por uma ladeira, tão íngreme, qual eu me não lembro ver semelhante, muito mais que Paraná-Peacaba, mas não tão comprida. E aquí me quebraram os moços um cabaco de óleo de cupaíba que muito estimava, indo-se-lhe pola ladeira abaixo. Mas como Nosso Senhor de tal maneira dá os trabalhos, que sempre ficam temperados, ordenou que no pico desta serra estivesse uma ribeira de água excelentíssima; e muitas, por toda a serra adiante.

Neste dia, que foi véspera de Ramos, me quis fazer valente, tomando ocasião de vir o Padre falando com Diogo de Medina. E indo diante só, pola práia, depois de ter andado algumas duas léguas, e, enfadado por não achar o porto aonde estava a canôa, e diziam ser perto, fui dar no cabo da práia em um rio sem canôa, aonde depois de me despir e enxugar do suor, passante bom espaço de tempo, vendo não vir ninguém, tornei pera trás; e, não vendo os companheiros, entendi vir errado. E atravessando por uns campos, ao longo do rio, fui dar com eles no porto das canôas. E, se me não adiantara e viera com eles, não me acontecera este trabalho, que não foi pequeno e perigoso de onças, que não faltam por alí. Indo por este rio abaixo, chegaríamos a outro rio mui grande, e, com a maré que

vazava, corria muito, e juntamente, pegados com a barra e a canôa pequena corremos muito risco de nos virarmos. Mas livrou-nos Nosso Senhor. E ao luar rezamos parte das horas por não haver fogo.

Ao outro dia, que foi domingo de Ramos, acabada a missa, nos fomos por um rio abaixo até a Cananeia, que são doze léguas, ficando da banda do mar esta ilha, de doze léguas, muito baixa. E, contudo, de dentro dela sai um rio de água doce ao mar coisa maravilhosa. Muitas cousas deixo por contar nestas 40 léguas, que ha de Santos até a Cananéa por terra (que por mar dizem serem 30), por não ser comprido. E entre elas foi de uma mulher grave que se queixou muito ao Padre, por virmos aos Carijós tomar-lhe os escravos que houveram de ser seus. E a um dos da Companhia disse:

— *Não hei-de dar nenhuma esmola aos Padres, e mais não me falta farinha.*

E já neste tempo a gente comia milho cozido que o Padre mercou no caminho.

EM CANANEIA

Chegados a Cananeia, que foram aos 4 d'Abril de 605, não se pode bem escrever a alegria que aquela pobre gente sentiu com nossa chegada, o amor que todos geralmente nos mostraram, por haver muito tempo que se não tinham confessado, assim por não terem a quem, como por alguns deles andaram homisiados por algumas mortes. E a todos, com o favor divino, consolamos, confessamos e comungamos, dia da Páscoa, e todo o tempo que alí estivemos. Mas, não achando alí barco em que pudéssemos ir nosso caminho, por se estar um fazendo muito de vagar, por falta de peça e o necessário, fomos informados como, daí a umas quatro ou

cinco léguas, estava uma canôa grande, enterrada na praia que do Rio de Janeiro viera alí fugida. E assim, acabadas as oitavas, fomos lá. E, com muito trabalho e muita fome, por não termos farinha e comermos sómente milho cozido com peixe, a tiramos de baixo da areia, que, como estivesse fendida, por uma ilharga e quebrada, foi necessário cortar-lhe um pedaço da popa e outros benefícios, em que gastamos alguns dias, em um dos quais fomos os moços e eu aos araçases (88) da outra banda do rio, metendo-nos por um riacho aonde diziam andarem capivaras. E vindo à tarde carregados de araçases, pera passar com eles os seguintes dias, e, com uma capivara, andava a barra do riacho tão folioa, que, por mais que fizemos, não pudemos escapar-lhe e do primeiro encontro nos alagou a canôa até às bordas, saltando os moços no mar, e os araçases juntamente com eles. Mas eu, pegando da capivara, posto que as ondas, da popa até a prôa da canôa, faziam seu ofício, nunca a larguei, que como era na barra, e não muito alto, e a maré enchia, não houve mais perigo que molharmo-nos, ainda que a perda dos araçases em tal tempo foi sentida. No consertar desta canôa tivemos muito trabalho, botando-a ao mar pola costa brava, mas quis Nosso Senhor que saísse bem e sem perigo dos moços, por então. Levada pois a Cananeia, estando-a consertando o Padre, chegaram uma soma de brancos, que se perderam na paragem da Ilha de Santa Caterina, em uma nau almirante de uma armada que levou soldadesca pera Chile. E, com ajuda deles, foi a canôa mui bem calafetada e breada e aparelhada, no que o Padre teve por bem empregada alguma marmelada e um pedaço de queijo, que trazíamos, e uma botija de

(88) Araçás, fruto do araçá, da familia das mirtácias (C. de F.).

vinho que deram em Santos ao Padre. O qual negociado a mandou o Padre a Itanhaém em busca do nosso fato, que tínhamos em casa do P. Vigairo, António Fernandez, *olim* da Companhia, mas como a tardança fosse muita, e estívéssemos assaz de enfadados, por não virem, arreceando lhe acontecesse algum desastre, em uma oitava do Espírito Santo chegaram uns Indios, com novas [de] terem dado à costa, e com a canôa em pedaços, vindo já com o fato. E posto que no naufrágio houvesse algumas avarias como é costume, com os moços não perigarem ficamos alegres; mas logo sobrevieram outras novas de pouca consolação, scilicet que na casa do Padre Vigairo nos tinham furtado parte do fato. Graças a Deus foi logo o Padre, a toda a pressa com alguma gente, algumas 20 léguas atrás donde estávamos; e com muito trabalho trouxeram o fato por terra, e sem terem que comer, assim o Padre que foi em busca do fato, como eu que fiquei, porque, sendo a derradeira oitava, quatro têmporas, não tiveram os moradores da Cananeia que me dar, pera jantar, mais que um nanás, sem peixe, nem farinha; e ainda esse queria um carijó que lhe desse; mas sua muita cobiça e minha pouca virtude e mortificação, foi causa de ficar sem ele.

E por aqui poderão julgar qual seria a fome que, passante de três meses, alí tivemos. E se me perguntam a causa, respondo, que por não haver mantimentos e estarem os moradores em grandíssima fome, por causa dos ratos que tudo lhe tinham destruido. E até as cascas de alguma raizinha de mandioca comiam os pobres, deixando-o muitas vezes de comer e de dar a seus filhinhos por no-lo dar. Deus Nosso Senhor lhes pague quanta caridade alí nos fizeram.

Neste caminho aonde o Padre tornou, estava um branco (jeito tinha de ser da minha terra) (89) em cuja casa estavam duas varas de milho de Pero Guedes, o qual tinha dito aos moços que no-lo trouxessem. Confiado nesta palavra, o Padre pediu este milho á sogra deste branco, por ele não estar aí, a qual como lhe não quisesse dar, arreceando pelajarem com ela, o Padre lhe deixou um caixão de três alqueires de sal, dizendo que daquele sal se pagasse, quando não quisesse dar crédito ao que seu dono tinha dito. E assim trouxe o Padre o milho, pola grande necessidade que dele tinha, pera nossa matalotagem e remédio, que foram vinte e cinco mãos. E escrevendo a Cristóvão de Aguiar lhe contou o negócio, e que lhe arrecadasse o sal, do que bem zombou quem já o tinha em seu poder, mostrando estar muito agravado de nós, e dizendo o que quis. E assim, perdemos três alqueires de sal, que custaram seis patacas no Rio. E diz que valia então o alqueire a dez em S. Vicente ou no Campo. E ele o tomou todo, por valia de uma pataca, quando muito. Seja Deus louvado que com água do mar temperava o Padre o comer, por não termos sal, que com nos ficar ainda um alqueire em um panacu, também no-lo tomaram na Cananeia. E assim ficamos sem uma pedra de sal.

Em caso do Padre Vigairo de Itanhaem nos abriram e quebraram os ferros de três canastras. E tomaram o que lhes pareceu bem, scilicet, 80 facas carniceiras, toalhas, sabão, caixas de marmelada, anzóis, sal, e outras cousas, que o Padre não sabe. E juntamente nos beberam meia piroleira do vinho, que trazíamos pera as

(89) Cucanha, diocese de Lamego (*Bras.* 5, 40v).

missas. Pode ser que tivessem necessidade, Deus lhes perdôe; mas só na repartição das caixas de marmelada não usaram bem connosco, porque, não se contentando com as que tomaram inteiras, as que deixaram, solapando-as, em lugar do que comeram meteram areia. E sem o Padre saber esta malícia, deu algumas aos Framengos. E por aqui o viemos a saber.

Com esta perda da canôa e fato, foi forçado ao Padre, pera se tornar a refazer e aparelhar pera irmos por diante com nossa missão, desfazer-se o Padre de algumas cousas que lhe ficaram, scilicet, camisas, ferramentas, as caixas de marmelada, até a sua própria rede em que dormia, não lhe ficando outra, cuidando que, em chegando, logo tivesse rede e estes nem pera si as têm.

Com os moços da canôa, que deu à costa, vieram seis Tupinaquins pera irem connosco dous deles velhos, muito bons homens, e muito bons pilotos desta costa. E estes inculcaram ao Padre um pau de *ibiracuí*, de que em uma semana fizeram uma canôa de cinco palmos de boca e de 50 e tantos de comprido, mas de pau que a pique se vai ao fundo, que todas as vezes que nisso cuidava estremecia. E mais sendo os mares de cá do sul mui diferentes dos do norte. Feita esta canoa, nos aparelhamos e despedimos da gente da Cananeia, de quem recebemos muitas caridades, principalmente do Senhor Diogo de Medina, que de todos é tido por um homem mui honrado, mas está mui pobre; e Jorge Ramos, o mais antigo morador da Cananeia, também mui honrado velho, e este era o que nos sustentava, todo o tempo que alí estivemos, por estar junto da Igreja, na povoação, que Medina está em uma ilha, dali a uma légua, deixando os frios grandíssimos, que aquí passamos, por nos ficarem os cobertores em Santos, que eram

insofriveis, e a fome tão grande, que passaram muitos dias que não metíamos farinha nem beijú na boca, e sómente passávamos com milho cozido e algum peixe.

DE CANANEIA A PARANAGUÁ

Contudo o Senhor nos favoreceu sempre pera que fizéssemos nossa viagem, como fizemos, partindo, como disse, da Cananeia aos 10 de Julho de 605 com determinação de pousarmos detrás da ilha, por ser já tarde. Como o tempo, e mar estivessem bons, pareceu bem a alguns que fôssemos diante, mas outros tiveram outro parecer; seguindo pois nossa viagem, pera irmos dormir a Paranaguá, que é uma enseada muito grande e mui fermosa e farta de muita caça, mel, marisco, e muito infindo peixe, e tem muito maior circúito que o Rio de Janeiro, com três barras, na qual enseada estava uma Urca de Framengos, que tinha ido a levar soldados a Chile, em companhia da almirante que deu a costa em Santa Caterina, e, como fizesse muita água, parecendo ao piloto que entrava polo Rio de Janeiro, entrou pola barra da Paranaguá e de prepósito encalhou na areia, aonde ficou sepultada pera sempre. Os mais dos Framengos desta urca ficavam na Cananeia negociando um barco pera se irem nele para o Rio; e por esta causa deixamos parte de nosso fato em casa de Diogo de Medina, que diziam viriam dali a três ou quatro dias após nós, mas tardaram três somanas; e em todo este tempo não dissemos missa por nos ficar o ornamento na Cananeia.

Indo pois nossa viagem, da Cananeia pera Paranaguá, sem matalotagem, nem água, e com alguns moços doentes de um grande catarro, que na Cananeia houve, de que também o Padre esteve bem mal, acalman-

do-nos o vento, e chegando-se a noite, sem sabermos aonde estávamos, posto que era perto já de Paranaguá, eis que pola prôa da canôa, quanto a vista podia enxergar, por ser já quási Ave-Marias, vimos uns lançóis mui brancos e que botavam muito ao mar, que nos não causou pequeno enfadamento, por não sabermos o que era e a tais horas, em canôa, que a pique se houvera de ir ao fundo, se se alagara. Cerrada a noite desapareceram os lançóis brancos, seguindo-se os da escuridade da noite. Indo já neste tempo os moços cansadíssimos e fracos, das fomes de três meses e meio que na Cananeia estivemos, demos de súbito com aqueles lançóis, que era uma das barras de Paranaguá, scilicet, a primeira da banda do norte, que por nenhum caso se entra por ela, por ser mui ruim e botar umas sororocas muito ao mar, ao longo das quais e de seu estrondo e arruido, fomos na volta do mar. E, parecendo-nos que as tínhamos já passadas, viramos na volta da terra, e em breve espaço nos achamos no meio delas, as quais nos alevantavam a canôa tão alta, e depois a faziam ir tão baixa, que pareciam umas serras. Mas quis Nosso Senhor que fosse arrebentar diante da canôa. Tornamos com toda a pressa, e não sei com que cores, que era já alta noite, a dar volta ao mar o qual andava quieto. E, tornando a segunda vez a virar pera a terra, em busca da barra grande, que é a do meio e está junto desta ruim, tornamo-nos a achar no meio doutras sororocas, e aqui digo eu a V. R. que houve bem de trabalho, medo e actos de contrição, mas de todas elas nos livrou Nosso Senhor, e o bom govêrno do Padre, e os bons pilotos Tupinaquins, que trazíamos. E assim, fazendo a terceira vez volta ao mar, deu-nos Nosso Senhor vista de um ilhote, que estava junto da barra grande, que, conhecido dos pilotos, guiado por ele e por uma estrela, mui clara, que,

encima dêle e da barra estava, seguimos nossa viagem. E já neste tempo, da banda do léste pera o sueste, nos estava ameaçando uma trave, bem escura e medonha, com a qual acalmou todo o vento, e, ficando o mar leite, entramos pola barra dentro, como quem entra por um rio morto, ao longo da práia, mas como não sabíamos aonde estava a Urca, e enfadados do mar, e apertados da sede, saímos em terra muito perto da urca, que, como fazia grande escuridão, não se via. Saídos em terra, e começando a fazer fogo, começa uma tempestade do sul, tão brava, que deu com a canôa na areia. E foi forçado ao Padre com muito trabalho dormir nela. E aquí se viu bem as mercês de Nosso Senhor, e quanto desêjo tinha de esta missão ir por diante pera se salvarem alguns destes pobres; porque se esta tempestade nos tomara meia hora antes de entrarmos, só Deus Nosso Senhor sabe o que de nós seria.

EM PARANAGUÁ

Vindo a manhã, vimos diante de nós a Urca, junto da qual saímos, e fomos mui bem recebidos de quatro Framengos, que nela estavam, os quais em vendo de noite os nossos fogos, cuidando sermos contrairos, estiveram pera meter um saco de munição em um tiro e dispararem em nós, que estávamos juntos ao fogo, e mostraram-nos o saco de munição. E também a nós e a eles, nos guardou Nosso Senhor deste perigo. E já pode ser que o deixarem de o fazer foi por estarem cada dia esperando pelos companheiros que em uma chalupa estavam na Cananeia, e cuidariam sermos eles.

Aquí fizemos junto da Urca, em terra, nosso *teju-par*. E estivemos três somanas sem dizer missa, por

nos ficar o necessário pera ela na Cananeia. Os Framengos o fizeram mui honradamente connosco, dando-nos todos os dias de jantar e cear em abastança, alegrando-se muito com nossa vinda. Todos mostravam serem Cristãos de Alemanha, e sobre as sepulturas de dous mortos tinham postas duas Cruzes, que sumamente nos alegraram. Deus Nosso Senhor lhes pague quanto agasalhado nos fizeram.

Chegados os companheiros em o barco, em que vinha nosso fato, que foi o derradeiro dia de Julho de 605, dia de nosso Bemaventurado Padre S. Inácio de Loiola, como estávamos já enfadados e os tempos nestas partes já muito fortes, logo ao primeiro de Agosto nos partimos, estando o mar muito quieto e o dia sereno. Mas em o Padre começando a embarcar o fato, o demónio, inimigo da salvação das almas, permitindo-lho assim Deus, vendo que aquele dia determinávamos entrar na terra dos Carijós, ou pera melhor dizer, havíamos de entrar com uns poucos, que de sua terra tinham vindo ao rio de S. Francisco, aos pássaros e airis, e alguns dos quais se haviam de salvar com nossa vinda, subitamente ao meio dia, pouco mais ou menos, ordena, da banda do norte, uma tempestade sem chuva, mas grandíssimos relâmpagos e trovões e com vento grandíssimo, que muito nos enfadou e atropelou, e fez a enseada tão brava que punha espanto. E os brancos, espantados da nossa determinação, me disseram que não partíssemos que era tentar a Deus. Mas, como já tínhamos tudo embarcado, e os mares eram mui grossos, teve o Padre por melhor darmos à vela e começarmos nossa viagem *in nomine Domini*. E assim atravessamos, pola bolina, Paranaguá, pera sairmos pela terceira barra do sul. E aquí me disse o Padre:

— *Pode ser que não terá V. R. outros tais mares em todo o caminho.*

Mas foi temeridade grande partirmos então.

E bem creio que as orações de alguns Portugueses, que ali estavam, nos ajudaram muito, porque qualquer mar grande que nos entrara não havia remédio humano de salvação, por andarem os mares grossíssimos, e o vento parece que falava, e a canôa ser de pau, que a pique se vai ao fundo enquanto não é seca. Mas Nosso Senhor nos guardou desta como da passada.

Passada esta travessa, e chegando-se a noite, pareceu bem tomarmos porto junto a outra barra, dormindo um pedaço na praia à claridade dos relâmpagos, que eram tantos, e tão contínuos que alcançavam uns aos outros. E isto toda a noite, sem chuva. À meia noite, pouco mais ou menos, cuidando o Padre ser já perto da manhã, começamos a acometer a barra, a qual estava tão peçonhenta, que um velho tupinaquim piloto me disse:

— *Pai, esta barra está mui temerosa e não é tempo de sair por ela.*

E dizendo-lhe eu que o dissesse ao Padre, me respondeu que lhe não havia de dar crédito. Mas, avisando eu ao Padre lhe pareceu bem virarmos. E este é o lugar em que maior medo tive em toda a jornada, porque estava a barra, de banda a banda, toda em frol, com sororocas. E sem dúvida nenhuma não pudéramos escapar da morte, senão fôra milagrosamente; porque ao outro dia, tendo já o vento acalmado, se não podia sair por ela; e assim saímos por outro lugar entre dous ilhotas com muito perigo. E só olhar pera a barra metia medo, e é ocasião de dar graças a Nosso Senhor, de nos livrar. E nesta barra se perderam os moços quando

tornaram pera o Rio, mas, como a canôa estava já seca, não se foi ao fundo. Nesta mesma se alagaram uns Brancos.

DE PARANAGUÁ AO PORTO DE DOM RODRIGO

Saidos pois de Paranaguá, fizemos nossa viagem com mares mui grossos, e sempre a remos. E, chegando de frente da barra de um rio, que se chama Guaratiba, não achamos remédio pera nele podermos entrar, e botar muitos escarceus ao mar. E assim nos foi forçado (ainda que era já quasi noite) irmos, por diante, ao Rio de S. Francisco, que estava dalí a quatro ou cinco léguas, no qual entramos perto da meia noite, como se entráramos por um rio morto, por ter uma barra mui fermosa, grande e funda. Só dos pobres moços tínhamos lástima, por já não poderem consigo, com haverem remado sem descansar, desde pela manhã até aquelas horas; mas quis-nos o Senhor logo consolar com acharmos alí uma canôa de Carijós, que logo pela manhã nos vieram visitar, prègando um deles, e mostrando alegria com nossa vinda; mas, depois, não foi qual nos cuidávamos que fôsse. Este foi um dos que o P. Custódio Pires e o P. Agostinho de Matos tinham trazido de S. Vicente aos Patos (90). E assim logo disse ao

(90) O P. Custodio Pires, de Almeirim, foi o primeiro mestre-escola do Rio de Janeiro, onde morreu a 16 de Fevereiro de 1630, com 82 anos de idade e 60 de Companhia (*Bras.* 8, 416).

O P. Agostinho de Matos, natural de Lisboa, veio em 1572, missionou em diversas partes do Brasil e faleceu no Rio em 1615, segundo o catálogo da Vitt. Em., f. fes. 3492/1363, n.º 6; mas a noticia da sua morte vem na ánuua de 1616-1617 (*Bras.* 8, 218-220).

Padre que dêsse facas a todos os que alí tinha consi-go, sem nos oferecer nem sequer uma talhada de carne de moquém da muita que tinha.

E assim nos fomos logo, por dentro do rio, sete ou oito léguas, pera sairmos por outra barra que pera a banda do sul tem, que só em cuidar nela faz estremecer; mas dizem que, quando está o tempo muito bom, está bôa; mas toda sua bondade se pode escusar, senão fôr por amor de Deus. Junto dela chegamos aos 4 de Agosto, já de noite, com um bom tempo e mostrava andar quieta; mas tanto que veio a madrugada começou a andar perturbada, mas eu me aparelhei o melhor que pude. E me confessei. E cometendo-a pela manhã, dia da Bemaventurada Virgem das Neves, da banda de dentro andava o rio tão perturbado, que parecia andarem alí visivelmente os demónios, que alí fervia em pulos pera o céu, que punha espanto; o que passado, chegamos à barra. E aquí creio dar algum enfadamento ao Padre com lhe dizer parecer-me não ser aquele tempo pera sair, mas o ânimo do Padre venceu minha pusilanimidade e arreceio. Mas bem creio que se viera qualquer outra pessoa que não-na cometera então, porque, de banda, a atravessavam umas sororocas tão grandes, que não havia aí senão pasmar, uma após outras, e todas quebravam que cada uma delas bastava pera quebrar um navio. Mas, como era pela manhã e os moços estavam descansados, puxaram de maneira, conforme a ordem que o Padre lhes deu, tomando ele o leme, que, em passando uma com toda a destreza, nas costas dela antes que a outra chegasse, pela misericórdia do Senhor, passamos, sem nos entrar água alguma, posto que nos levantou bem alto, e depois nos fez descer bem baixo. E esta barra creio ter feito muito proveito ao Padre, quando andar em canôa. E nesta mesma se perderam os

moços a primeira vez, quando de cá foram, com irem no verão; e nela perderam algumas das cousas que levavam. Depois de saídos, fomos muito bem, ainda, que uma baleia nos foi seguindo, sendo cousa de chegarmos mais de pressa a um bom porto, aonde logo nos entrou um sul que nos fez estar alí alguns dias.

Aos 8 dias partimos, com bom tempo, e fomos dormir em uma práia, ao sereno, e com grande frio, que naquele tempo cá é mui grande, mas não faltou peixe pera cear e, no lugar aonde dormimos, estava parte de um peixe fresco que uma onça parece havia pouco tinha levado.

Aos nove dias nos partimos com bom tempo, ainda que com mares mui grossos, por irmos ao longo de umas rochas. E chegando a vista de Santa Caterina, aonde estão diversas ilhas, não sei que entre os pilotos e alguns dos nossos houve, que, perguntando nós por onde havíamos de ir, diziam que não sabiam, com o saberem muito bem e estarmos à vista dela.

Por remate de tudo disseram: *aquela é a ilha de Santa Caterina*. Na qual entramos véspera do Bemaventurado S. Lourenço, com assás de nordeste e mares grossos. Mas como eram vento à popa em breve espaço de tempo andamos muitas léguas. E se aquele dia não entráramos, tivéramos algum enfadamento com um sul que entrou com muita chuva, mas durou pouco.

Aos 11 partimos, e chegando à vista do porto de D. Rodrigo aonde havíamos de desembarcar, por ser a primeira terra dos Patos, o demónio, *qui tanquam leo rugiens, circuit quarens quem devoret*, vendo que em todo o caminho, por mais artes que buscou pera nos impedir a viagem o não pode fazer e o fruto que dela se havia de seguir, se meteu em uma baleia, e tão bravamente nos seguiu pola esteira da canôa, que nos en-

fadou assaz, e tão perto chegou de nós, que parecia que doutro mergulho surgiria debaixo da canôa, e isto por muito espaço; e se, polo bom remar dos moços, e o furtar-lhe a volta se afastava de nós, logo tornava a voltar e seguir-nos; e de uma vez chegou tão perto de nós, com o corpo e cabeça descoberta, que eu me parecia seria tão longe da canôa como do altar mór, do Rio, às grades, mas o mêdo faz muitas vezes as cousas diferentes do que são. Eu, contudo, quando a vi tão perto e que trazia diante de si uma serra de água, lancei-lhe um pequeno *Agnus Dei*. E quis Nosso Senhor que com isso, e com o Padre mandar governar pera outro bordo, se apartasse de nós.

NA LAGUNA, ENTRE OS CARIJÓS

E assim chegamos à terra dos Carijós, aos 11 de Agosto de 605, dando muitas graças ao Senhor e levantando logo uma Cruz. E o Padre mandou logo recado a umas quatro, ou cinco Aldeias que alí estavam perto. E a cabo de três dias vieram ter connosco, entre grandes e pequenos, dezasseis, ou 17 pessoas com seus pelejos, e elas com suas tipóias, com as mãos vazias, estando nós esperando que nos trouxessem alguma cousa pera comermos, por virmos já mui coitados, mas muito mais o ficáramos se o Padre mandara coser um pequeno de arrôs, que ainda trazíamos, que, por querer fazer festa aos moços, o quisera mandar coser todo, mas depois nos foi vida.

Logo nos partimos, com estes poucos que vieram, e algum tanto enfadados, que parece que a natureza estava adivinhando o que nos havia de succeder, ainda que os índios mostravam alegrarem-se com nossa vinda, mas toda sua alegria, segundo o que depois soubemos e

vimos, e assaz experimentamos, era por lhes parecer que com nossa vinda haviam de ficar ricos e cheios de resgate.

Antes de chegar à primeira aldeia, que pode ser légua e meia, aonde ficava a nossa canôa, está uma alagôa grande, e, em um esteiro dela, estavam duas canôas, em uma das quais, com ser mais pequena, permitindo-o assim Deus nos embarcamos com o baúl do ornamento, e o meu retábulo das relíquias, e uma piroleira de vinho. Todo o mais fato se embarcou em uma canôa grande, que pudera levar seis tantos, mas como o demonio sentisse tanto o entrarmos nós em terra, de que tantos anos havia estava apossado, ordenou, permitindo-lhe assim Deus Nosso Senhor, que avolumassem o fato de tal maneira, sem lastro, e que todos os Indios entrassem de romaria. E, assim, virando-se a canôa, tudo se foi ao fundo, em um tujuco, e bem fundo, donde com assaz de trabalho tiraram tudo molhado e danado; e algumas cousas ficaram ali que se não puderam achar, por ser já noite. O meu caixão, como era mais leve, se foi pela água abaixo; mas, depois de tudo recolhido, o foram buscar; e assim desta maneira nos fomos, com bem de arreceio que tornasse a canôa outra vez a fazer outro naufrágio. Chegados ao porto da aldeia, que estaria dela um quarto de légua, tudo atoleiros, e nós todos molhados, sujos, mortos de fome e com grandíssimo frio, que então fazia, esperando pela canôa grande, a qual em chegando, mal e sujamente, nos fomos para a aldeia. E, como fosse já alta noite, não foi possível bulir no fato, que todo estava feito papas. Seja Deus louvado! E assim nos metemos na primeira casa da primeira aldeia, que segunda nem terceira e outra alguma tinha. E assim são cá todas as aldeias, de maneira que, a uma

casa, chamam uma aldeia. E esta não tinha dentro em si mais de tres moradores, ou para melhor dizer tres casais com tres ou quatro filhos. De boa entrada, não ceamos com virmos assaz necessitados, por no-lo não darem, ou não terem. E assim, com assaz de frio, estivemos toda aquella noite, até vir a manhã, para vermos se havia alguma cousa que se não molhasse, porque de noite não foi possível. E achamos tudo danado e molhado, e cuidando eu veria o meu fato com alguma melhoria, por vir breado, achei tudo perdido sem, em passante de 20 mãos de papel, haver uma folha que pudesse servir, com quantos livros e cartapácios e outras couzinhos, até um gibão novo vinha podre, e o breviario e diurnal. E o caso foi que ficando-me tudo na Cananéa, aonde estive tres semanas, quando veio o barco, arribou, e choveu-lhe muita água e lá se molhou tudo, e por este respeito se perdeu tudo, graças a Deus. Mas não deixamos de dar muitas graças ao Senhor, porque vindo, entre os cartapacios e cousas que se perderão e botei por aí, algumas cousas e escritos de nosso bom padre Joseph, de boa memoria, só suas cousas se não danaram, com que muito nos consolamos.

Aos 15 de agosto nos vieram chamar para uma criança que estava para morrer, dali a uma légua; e já pode ser que por terem para si sermos feiticeiros, a qual estando mal batizei, pondo-lhe nome Fernão Cardim, por ser o primeiro, e esta missão ser do Padre Fernão Cardim, Provincial que então era, mas logo avisei ao pai, que é o mais honrado índio que cá vimos, que olhasse não no fizesse chupar a seus feiticeiros, contando-lhe a historia de S. Basílio com o imperador Valente: que indo o santo visitar e ver um seu filho doente, logo se achou melhor, mas em se o santo indo, mandou chamar os Arrianos e logo morreu. O mesmo aconteceu a

este índio, que, acabando de nós nos irmos, o filhinho se achou bem; mas depois, comendo alguns carvões e achando-se mal, foram chamar uma feiticeira e morreu, indo-se ao céu por premícias desta nossa missão. Podia ser dum ano e meio pouco mais ou menos. E assim sabe Nosso Senhor consolar os seus ; e eu me achei por tão ditoso caber-me esta sorte, e fazer-me o Padre esta caridade de mo deixar batizar, que ainda aos Carijós não viera para mais, me tivera por bemaventurado. O pai do inocente Fernando, que é o senhor daquela aldeia, não havendo nela mais que ele e um seu genro, nos mandou convidar por uma, de quatro mulheres que tem, com obra de um punhado de farinha, e uns pequenos de feijões, bem sujos e escuros, que os não enxergávamos, que certifico a todos os que isto lerem que não sei se manjar branco soubera tão bem.

Dali nos tornamos, em busca do fato. E nos fomos à quarta aldeia, que tinha duas cazinhas, com alguns 9 ou 10 moradores. E nesta fizemos nossa morada e igreja, por ser maior, e haver nela alguns Cristãos antigos, que uns Frades, a quem Deus perdoe, haverá 50 anos pouco mais ou menos fizeram Cristãos, deixando-os sem doutrina, em seus vícios e desventuras. E todos estavam amancebados e cheios de filhos, com diversas mulheres. E posto que o Padre, logo em desembarcando, mandou a esta aldeia uns índios que conosco vinham, que nela tem seus parentes, para nos fazerem algum recolhimento em que nos metêssemos, zombaram muito disso, por ser gente qual adiante direi. E assim, chegados a ela, e não achando em que nos agasalhar, havendo já cinco ou seis dias, que tínhamos mandado recado diante, nos foi forçado a metermo-nos em uma casa dos índios, aonde o que passamos de fome, frio, pulgas, grilos, baratas e outras imundícias só Deus Nosso Senhor sabe. E se me perguntarem a causa desta

fome, dizem os índios que foi lagarta, e andarem juntamente escondidos e metidos pelos matos, com medo dos brancos, mas eu ajunto a isto sua muita preguiça, e ser gente, que com qualquer cousa se contenta como seja de comer, e tal que diz o Padre dela que são peiores que os tapuias, e que, em todo o descoberto, a peor gente. E eu, pelo menos, digo não ter visto outra semelhante, o que pelo que adiante contar se poderá bem e facilmente julgar.

Mandou logo o Padre recado a 20 e 30 léguas aos índios, que entre estes e os brancos, tem algum nome, não de virtude, senão de ladrões, tiranos e vendedores de seus parentes, que principais, nenhum há entre estes Carijós dos Patos, para que soubessem como éramos chegados e ao para quê. E, entretanto, por não termos que fazer e os moços não estarem ociosos e terem em que espalhar malventuras, e se esquecerem da fome, fizemos aqui junto da igreja, uma capixaba para milho, e alguma mandioca por não sabermos o que ao diante sucederia, como sucedeu. Neste tempo o demónio fazia que dormia, com nos ver andar ocupados com a capixaba e os pobres moços mortos de fome, porque em todo dia não comíamos mais que uma vez. E o que onze comíamos não bastava bem para um; porque mandava o Padre cozer um prato pequeno de arrôz com alguns palmitos e sem sal, pelo não termos, e com isto passávamos todo o dia; e, quando muito, um pequeno de milho cozido, enquanto nos durou, que farinha, nem por imaginação. E desta maneira andamos algum ano. E assim podemos dizer que em todo um ano, nos não levantámos um dia da mesa abastados de farinha, com passar muitas vezes semana inteira que a não provávamos. E mais, pela bondade do Senhor, são e salvos. Somente os moços nos maguavam; os índios neste tempo

comiam gesaras com peixe e mixilhõis. E o que tinha algumas folhas de mandiiba, e alguns olhinhos de abóbora tinha que comer.

PRIMEIRAS MISSAS

Mas como o Demonio via que tinhamos igreja, e que dia do Bemaventurado S. Bertolameu se haviam de dizer as primeiras missas e celebrar os divinos officios e tomar posse, de parte de Deus, de gente que ele tantos mil anos tinha em seu poder, estando o tempo mui sereno e o dia claro e bonançoso, em o ponto que começamos a tirar o ornamento e consertar o altar para ao outro dia dizermos missa, não pôde sofrer o desaventurado, e ordenando uma tempestade de relâmpagos, trovões, vento e chuva, parece que visivelmente que andavam os demonios, e que bem mostravam o sentimento que tinham com nossa vinda, e foi tão grande que, com estar a igreja mui bem coberta e de boa cobertura, nos molhou o ornamento, e frontal, e deu com a imagem de Nossa Senhora, do altar no chão, parece pera ver se lhe podia quebrar a vidraça e nem bastou cobrir o Padre o altar com peles.

Acabado isto, cessou a trovoada, mas não a malícia do demónio, porque ao dia do Bemaventurado S. Bertolameu, no tempo da missa, foram tantas as moscas em todo o altar e sobre o Padre, que foi cousa pasmosa. E passado aquele dia, em dous anos que alí estivemos, nunca mais houve aquelas moscas nem aquelas tempestades, posto que não faltaram saoiases que nos comiam as toalhas do altar e o frontal. Mas pera tudo Deus Nosso Senhor deu remédio, com fazer um frontal de papel e umas cortinas com seu sobrecéu, e com metermos as toalhas, acabante as missas, no baúl.

Neste mesmo dia começamos a fazer nossas doutrinas, às quais, como quer que, *omnia nova placent*, acudiam bem, mas eram tão poucos, e tão mal avenidos, que causavam pouco gosto. E desta maneira estivemos, passante de mês e meio, sem nos vir recado das outras aldeias, aonde o Padre tinha mandado, por onde pareceu irmos nós lá em pessoa não levando o ornamento por nos terem dito os Brancos serem tão cobicçosos que corria risco lançarem mão dele; mas eu creio que o não fizeram. E assim, dia do Bemaventurado S. Francisco de 605 [4 Outubro], partimos daqui pera Ararunguá, que estará daqui a algumas 20 léguas, levando conosco os nossos moços todos e alguns índios dos daqui. Dos enfadamentos do caminho e do grandíssimo frio, e outros muitos descontos, anexos a semelhantes viagens, não falo. O que muito sentíamos, por aqueles campos e praias, eram os grandíssimos ventos e areias que nos cegavam, mas em tudo parece achar homem gosto com as esperanças que tínhamos de se salvarem alguns, como salvaram.

NO RIO ARARUNGABA. O ÍNDIO TUBARÃO

Chegados a Ararungaba, que um [é] rio, aonde os brancos vão fazer seus resgates, e aonde estavam os principais índios com que haviámos de falar, ao sol e ao vento, em um areal, falou o Padre com eles, declarando-lhes ao que vínhamos. Todos mostraram folgarem com nossa vinda, porque todos esperavam haverem nós de dar roupas, contas e ferramentas; e assim, tão desengonhadamente pediam quanto viam, como se de foro lhe fora devido. Neste caminho, um dos honrados índios que cá vimos, nosso companheiro nesta viagem, pediu ao Padre os sapatos pera os levar calçados, e que

fôsse o Padre descalço. Uma índia me pediu com muita instância a minha roupeta preta pera a vestir. E dizendo-lhe eu que não tinha outra me respondeu, que mandasse eu vir outra em lugar daquela.

E porque o mais afamado índio que cá há, que é um grande ladrão, salteador de brancos, e grande vendedor de seus parentes, estava dali a cinco ou seis léguas, que havia vindo doutro rio, que chamam Boipitiba (91), ao caminho, a um seu irmão, também ladrão como ele, que foi um dos que trouxe o Padre Custódio Pires, e a quem o Padre + (92) deu uma vara de meirinho (não sei com que ordem), com a qual faz muitos males, e vende seus parentes, foi-nos forçado irmos lá, por areais, que fervia o sol neles, e com tão grandíssima sede, por não haver águas em todas aquelas seis léguas, que não havia aí senão esmaiar. E já neste tempo êste índio esperava por nós, por lhe haverem dito como nós íamos.

Este índio é o afamado Tubarão, o qual não é principal, nem tem gente, mas tem grande fama entre estes por ser feiticeiro e ter três ou quatro irmãos, todos feiticeiros, e todos eles são grandíssimos tiranos e vendedores, e de quem os brancos fazem muito caso, porque estes lhes encham os navios de peças, como adiante direi. Chegados pois, aonde este índio estava, que era junto a uma alagoa, aonde com grande perigo passávamos, entramos em um tejupar, aonde estavam tres ou quatro redes armadas. E ele, como raposo,

(91) Mampituba.

(92) O Padre + (sic) é o P. António da Cruz, vindo de Portugal em 1572. Bom língua, trabalhou na Capitania de S. Vicente, e faleceu na do Espirito Santo em Agosto de 1641, com mais de 80 anos de idade e 68 de Companhia (Cat. da Bibl. Vitt. Emm., f. ges. 3492/1363, n.º 6; *Bras.* 8, 533v).

vestido em uma marlota azul, pele de algum pobre índio, coberto com uma manta listrada, e com um chapéu na cabeça, com grande gravidade, sem fazer caso algum de nós, começou logo a falar com um índio, que connosco ia, mui devagar. E depois falou outro pedaço com outro, convidando-os a seu modo, com certa beberagem, que imagino ser o sumo do betele da India, conforme as virtudes que dizem ter. E nós, como Joanianes, ouvindo-lhe suas patranhas. Depois acudiu com seu *ereiupe* ao Padre e a mim. O Padre que já estava enfadado, e com rezão, e quasi se quisera erguer da rede, e o fizera se fora outra gente, em breve lhe disse ao que éramos vindos. E se quisessem ser filhos de Deus, e terem igreja, e Padres em suas terras, que se haviam de ajuntar, e deixar suas vendas, e suas matanças, por ser ofensa de Deus; e que os tapuias podiam vender em troco de suas cousas. Neste comenos, veio-lhe vontade de urinar. E assim o fez na mesma rede, em que estava assentado, junto ao Padre, muito de seu vagar, não deixando por isso sua prática, e de beber, de quando em quando, de sua beberagem, que uma de suas mulheres lhes estava dando.

Mas tão pouco saber não é de espantar em gente que nenhum parece que tem. E assim muitas vezes me lembra um dito do Padre Paiva, que Nosso Senhor tem, que ainda que o dizia zombando, parece quadrar em alguma maneira a estes (93). E pode passar por entremez. O qual dizia que havia alguma [gente] que Deus Nosso Senhor fizera; outra que mandara fazer; e outra que deixara recado que se fizesse...

Querendo-nos despedir, disse ele ao Padre que folgava com nossa vinda, que faria primeiro duas guerras,

(93) O P. Manuel de Paiva, um dos fundadores de S. Paulo e seu primeiro Superior.

e que depois se ajuntaria conosco, em um lugar que ele nomeou, que era junto da *Laguna dos Patos*. E perguntando-lhe o Padre se era seu filho um menino, que ali estava, respondeu-lhe:

— *Sim para vós-outros o açoitardes.*

Isto é dito de escravos de brancos, que pera cá fogem. E eles tinham alguns em seu poder, sem os querer dar, dizendo serem seus escravos.

Isto é o que passamos com o Senhor Tubarão, do qual diz o Padre que nunca no Brasil viu índio tão soberbo, nem que tanto o mostrasse, com não ser principal. E Cristóvão de Aguiar confessa que ele o fez principal e o assentara naquela cadeira, que agora tem, scilicet, de ser estimado dos brancos, mas isto por ele ser um grande ladrão de índios pera os brancos.

Seria véspera, sem termos comido alguma cousa, nem termos quê, nem haver índio nem índia que nos desse um punhado de farinha, não faltando ela ali. E com batatas fizemos a festa, que, por contas ou pentes, as deram. E pedindo o Padre umas pequenas de pevides pera prantarmos na nossa capixaba, algumas índias trouxeram algumas, cuidando por elas lhes havia o Padre de dar algumas contas. E algumas, vendo que o Padre as não pagava, tornaram-nas a levar, porque é gente que nada há-de dar sem trôco, ainda que seja uma vez de água. E a uns moços dos nossos deu uma índia um pequeno de não sei quê, como mingau, e logo lhe pediu um fio de contas em paga.

E assim ao outro dia nos partimos, sem a gente de duas casas, que ali estavam, que eram parentas e uma delas irmã verdadeira de Lázaro, que conosco viera do Rio, nos darem pera o caminho que pudéssemos jantar, salvo uma índia que nos deu uma pouca de farinha,

a qual o Padre pagou. E assim nos tornamos outra vez pera a *Laguna*, onde se ajuntaram alguns connosco pera roçarem, mas não teve efeito por estarem longe uns dos outros, e não se quererem ajuntar. E já neste tempo quatro índios tupinaquis de Itanhaém, que connosco vieram, eram já partidos, pera sua terra, por não poderem sofrer a fome. E já sabemos chegarem a salvamento, graças a Deus.

NO EMBITIBA

Aquí, neste *porto de D. Rodrigo*, que se chama o *Embitiba*, estivemos estes dous anos pola bondade do Senhor com saude, que não foi pequena mercê do Senhor pera quem estava da maneira que nós estávamos, scilicet, sós, sem termos nem quem nos fosse buscar uma pouca de água; e, se algum de nós adoecera, não havia nenhum remédio humano de cura, porque nem sal tínhamos pera temperar a panela, mas com água do mar se temperava, açucres de nenhuma qualidade, que um pequeno que em um cabaco trazíamos, parece que a fome deu licença aos moços pera o comerem todo. Pois cousa de especiaria muito menos e de tudo o mais. Mas tivemos sempre a Deus de nossa parte. E assim não nos faltou nada. Verdade é que tivemos muita falta de um menino pera nos ajudar à missa, ajudando-nos um ao outro, mas algumas vezes estava o Padre com algumas dores, e eu sentia o muito trabalho que ele levava, mas sua muita caridade podia com tudo. Mas dir-me-á alguém: — *E como não ensinavam algum menino?*

Dizia nosso bom pai Joseph Anchieta em uma trova:

*Doi-me a Dios con el gentil
Habla de la trinidad.
Si, que es hombre mui sutil,
Y aun pudiera ser abbad,
Si no fuera del Brasil.*

Outro tanto digo destes, que se não foram Carijós bem se puderam ensinar, mas a experiência nos tem bem mostrado não se poder fazer nada com estes, em sua terra, porque são criados com tanto mimo que diversas vezes os vi dar nos pais e nas mãis, e atirar-lhe às pedradas, sem por isso seus pais dizerem nada. E porque eu uma vez disse a um menino, na Igreja, que estava inquieto, que se mudasse pera outra parte, e o obrigar, de palavra sómente, a que fôsse, fugiu pola porta da Igreja, e por mais que seu pai nem seus irmãos fizeram [não] quis tornar muitos tempos, dizendo:

— *Não quero lá ir que pelajará o Padre comigo.*

E outra menina, por se não querer benzer, nem falar palavra ao que lhe ensinava, pelejei de palavra com ela, um seu tio lhe disse:

— *Não tornas mais à Igreja.*

E até os meninos, que tínhamos em casa, podia o Padre fazer que se benzessem e falassem como jalofos, até que tínhamos por melhor deixá-los, por nos não pormos a risco dalgum enfadamento. Os meninos de cinco, seis anos, e daí por diante, bailam e bebem com os índios, de dia e de noite, e seus pais revêm-se nisso; e às vezes dormem por onde querem sem seus pais saberem parte disso. E em tudo fazem sua vontade, e se os mandávamos a algum recado, diziam que tinham preguiça, e não iam, e, se iam, não tornavam. E o

mesmo fazem os grandes que claramente diziam: *tenho preguiça, não quero*.

E com tal gente não se pode fazer nada. E mais gente que, quando cuidáveis que estavam na Aldeia, estavam daí a muitas léguas, e vinham à doutrina se queriam vir, e se não, zombavam de nós, o que não fizeram, se tiveram algum medo, e se nós tivéramos força, com que os poder domar.

A fome foi tanto por diante e os frios, que eram insofríveis, e pague Deus Nosso Senhor a caridade ao Padre Provincial Fernão Cardim, de dous cobertores que nos deu, que, se isso não fôra, muito trabalho tivéramos, porque, com dormirmos vestidos, com camisa, gi-bão forrado, jaqueta forrada, calções, roupeta, calças, roupão, e metidos no cobertor, feitos um novelo, que quasi ficava aleijado, quando me levantava; e, com tudo isto, não podíamos sofrer o frio. E dia de S. Mateus e de S. Maurício, foi tão grande a geada, que uma milharada, que estava junto das casas, se queimou, como se lhe puseram o fogo. E as mesmas ervas e árvorezinhas do campo se secaram. E neste tempo o fogo era o principal remédio. Só na missa sentíamos muito trabalho e perigo, porque não sentia homem o calix, nem a hóstia. E por estes respeitos e por serem casados se determinou o Padre a mandar os moços por haver já algum milho novo, posto que eu sempre fui de parecer que não fossem todos. E que pelo menos ficassem um par pera nos ajudarem à missa, e terem cuidado de nós. E ainda disse ao Padre, não haver de tomar bem o Padre Provincial, mandá-los todos. Mas o Padre, movido de compaixão dêles, e lembrando-se de suas mulheres e filhos, e movido da sua muita caridade, quis antes cortar por si, que por êles.

E assim, depois de negociados de mantimento, e algumas couzinhas, os fomos embarcar ao porto de Dom Rodrigo aonde estava a canôa, em que viemos, e eles mesmos fizeram na Cananeia. E, despedidos de nós, com muitas lágrimas, se partiram aos 14 de dezembro de 605. E na barra de S. Francisco, da banda do sul (que só em cuidar nela espanta) se perderam, alagando-se a canôa e perdendo parte do que levavam. O mesmo lhes aconteceu na barra de Paranaguá, aonde nós, se saíramos como começávamos a sair, à meia noite, sem falta nos houveramos de perder, mas enfim, ajudados do Senhor, chegaram ao Rio a salvamento graças a Deus. E nós ficamos sós neste desterro, por amor de Deus, até que dali a um ano e meio, pouco menos, nos mandaram dous meninos do Rio. E assim dous anos inteiros estivemos junto da Laguna dos Patos.

COSTUMES DOS ÍNDIOS

Nosso exercício, logo em nos alevantando pela manhã, era termos nossa oração, fazermos nossas doutrinas, dizermos nossas missas; e dali até o exame tudo era matar pulgas e tirar bichos, sofrer descontos de Carijós; e o mesmo fazíamos às tardes, tirando algum tempo que tomávamos pera rezarmos algumas Ave-Marias, passeando ao longo da casa e de um quintalzinho, que tínhamos, sem nunca sairmos, nem irmos espairecer a nenhuma parte, estando em um campo, que sòmente víamos o céu e uns montes, que pera quem tivesse muito amor de Deus, não lhe faltaria em que contemplar. As casas dos índios eram por todas cinco, depois de se ajuntarem alguns connosco; passavam meses e meses, que não entrávamos nelas, por não ser necessário.

A terra em si não é má. Pode ter em comprimento, desde Santa Caterina até Taramiandiba (94), que está além de Boipitiba, aonde os brancos também vão resgatar, 40 ou 50 léguas, ao longo do mar, e ao longo de umas serras, que estarão do mar, meia légua, uma légua, até duas, em algumas partes; e dali por diante começam os Arachãs, parentes destes, mas temo-los por melhor gente, não na cobiga, mas na simplicidade (95). Estes, daqui dos Patos, são já muito poucos, e parece não durarão muito, conforme a pressa que os brancos lhes dão. Estes são parentes verdadeiros dos do campo, aonde morreram nossos Irmãos (96), e parece virem antigoamente pera o mar, onde se comunicavam uns com os outros; mas, de poucos anos pera cá, se perdeu esta comunicação, não se sabe o porquê; mas suspeitamos que estes lhes fizeram algum agravo, e por isso não vieram mais. E como os que de lá vieram são já todos mortos, os que deles procederam não sabem dar notícia, nem é gente que tenha saber pera nada. É gente comumente de maior estatura que os de lá; andam cobertos com pelejos de coiros de veado ou de ratos de água, tamanhos como pacas, mas não trazem estes pelejos por via de honestidade, senão por causa dos muitos frios, e dos grandissimos ventos que todo ano há. São do tamanho de um cobertor pequeno; trazem-nos às costas, e a dianteira descoberta. Quando não faz tanto frio andam nus. As mulheres, grandes e pequenas, trazem tipóias (97); e ainda que algumas vezes andam

(94) Barra de Tramandaí, no Rio Grande do Sul.

(95) Teschauer, no seu mapa (*História do Rio Grande do Sul*, I) coloca os Arachãs entre Porto-Alegre e Pelotas, na terra firme.

(96) Irs. Pero Correia e João de Sousa.

(97) Camisa sem mangas feita de entrecasco de árvores (C. de F.).

nuas, contudo, diante de nós, nem à igreja, vêm nuas, ainda que seja uma menina de 4 anos. É a mais pobre gente que cuido há no mundo, falo dêste daqui, porque ele não tem cousa alguma, scilicet, não tem algodão, nem peles, nem redes, nem tipóias, nem fio, nem arcos, nem frechas, tudo isto lhes trazem os Arachãs; e daqui lhes vem serem a mais preguiçosa gente que se pode achar, porque desde pola manhã até noite, e toda a vida, não têm ocupação alguma: tudo é buscar de comer, estarem deitados nas redes. Em todas estas 50 léguas não [há] terra preta, nem vermelha, nem cá a vi, tudo são areais e de areia mui miuda. E ainda que há algumas serras e oiteiros, também são de areia, mas dá tudo o que lhe prantam. E como as árvores são pequenas e pau mole, facilmente fazem sua roça, a qual, acabante de a queimarem, logo prantam, sem fazerem coibara nem fazerem covas pera a mandiiba; mas com o cabo de cunha, com que derribaram a roça, fazem um buraquinho no chão e alí metem o pau da mandiiba; e muitas vezes sem lhe fazerem buraco. E pera uma índia meter um pau na terra dá sete e oito e mais pancadas com ele na terra; e, assim machucado e ferido, o mete.

Tem o ano repartido em quatro partes, scilicet três meses comem milho, outros três favas e abóboras, outros três alguma mandioca, e os outros três comem farinha de uma certa palmeirinha, que é assaz de fome e miséria. E tudo isto lhes nasce de pura preguiça, e de se contentarem com comerem quanta sujidade há. As abóboras, aipís, batatas, comem com tripas, pevides e casca, e tudo quentíssimo. E por nenhuma via se lhes há-de perder cousa que no chão lhes cáia, ainda que seja um grão de milho, ou feijão, ou grão de farinha: tudo hão-de alevantar e comer, quer seja seu, quer alheio. Nenhum comer comem por gosto, senão por en-

cher a barriga. E assim todos têm dentes danados por comer tudo quentíssimo e cheio de areia. Não comem mingau, nem pimentas, nem juquifaia, nem sal, com estarem junto do mar, e se lho dão do reino, comem-no. O peixe e a carne comem mal-cozido; cozem o peixe sem escamar, e sem-no lavarem, cosido em água chilra. E é o peixe de cá ordinariamente tão magro que se o lançarem a uma parede pegara. Os pássaros, mal depeçados, abrem-nos polas costas, e sem os lavarem os poem sobre as brasas. E assim os comem. Há muita caça, mas de preguiça a não vão matar. Os dias passados indo à caça pelo campo, mataram duas antas; e logo lá, cada um por onde pode corta; e pedindo-lhe um índio um pedaço pera nós, respondeu-lhe o senhor da carne:

— *Tambem eu tenho boca como os Padres.*

E não-na deu.

VIDA SOCIAL

De nenhuma qualidade convidam uns aos outros, nem ainda aos que vêm de fóra. E assim quem há-de caminhar há mister que leve com que compre o que há-de comer, porque nem aos próprios parentes e da sua casa hão de dar nada sem trôco. E dizem:

— *Vão-nos eles buscar.*

Não se ajudam uns aos outros; e bem pode um estar com um pau às costas, arrebentando, sem nenhum o ajudar, antes se estão rindo. E se lhes dizeis:

— *Vai ajudar aquele.*

Dizem-vos:

— *Tenho preguiça.*

Os dias passados estava um índio fazendo uma canôa com assaz de trabalho, por ser só. Dizendo eu

a um seu irmão, porque não vais ajudar a teu irmão, respondeu:

— *Porque tenho preguiça.*

Dizendo-lhe eu que me não parecia bem, respondeu:

— *A mim parece muito bem.*

Tornando-lhe a dizer:

— *Pois a Deus não parece isso bem.*

Respondeu:

— *Ixebo [ixabo?] iporanga tueta tecatunha.*

No vício da carne são sujíssimos, scilicet, têm muitas mulheres, têm as sobrinhas por mulheres, duas irmãs suas madrastas, as filhas das mulheres, suas anteadas, têm também por mulheres, as netas, filhas de suas verdadeiras filhas, e alguns têm por mulheres as próprias filhas. E o que mais espanta [é] haver índia que têm dous maridos, e destas muitas; e ambos estão juntos com elas. E porque um destes se apartou de uma pera casar com outra, o consorte teve mão nele pera que a mulher lhe desse umas poucas já que se apartava dela pera tomar outra. Outros há que deixam andar as mulheres por onde e com quem elas querem. Dizem que são angaturamas. E por isso não fazem *nherana*. E outros que têm as próprias filhas, que fizeram, por mulheres.

FALTA DE LIMPEZA

Em todas as cousas são sujíssimos. Na própria fonte, donde bebem, lavam os pés, lavam peixe e as redes. E não há uma hora que umas meninas foram à fonte, que está aquí pegada com o nosso tejupar; e, vendo-as eu tornar sem água, por curiosidade fui ver a fonte, e estava cheia com uma sujíssima tipóia. E

por aquí podem ver suas limpezas. Suas roupas, redes e tipóias lavam desta maneira: botam tudo no chão ou em cima de alguma pedra; e em cima uma pouca de cinza. E com água fria molham o que querem levar. E com os pés pisam muito bem, nem mais nem menos, do que pisam as uvas em Portugal e mais depressa. E depois a deitam a enxugar cheia de cinza. O seu fazer da farinha é ainda mais sujo; e se o não víramos com os olhos, muitas vezes, não-no crêramos, posto que nesta matéria de sujidade tudo se pode crer destes. E assim diz o Padre que são muito peiores que os tapuias.

Não comem farinha relada, nem tem espremedores, nem *tatapecoabas*, nem o sabem fazer. A mandioca, depois de estar podre, trazem-na da roça. E fazendo uma cova na areia, do tamanho de meio barril, fóra da casa, põe-lhe umas folhas debaixo e alí a botam; e toda a que cai na areia com a mesma areia a botam com a outra; e quando cansam põem o pilão na areia; tornando a socar leva uma boa quantidade de areia, com outras sujidades que não são pera escrever; e coberta com umas folhas e com areia a deixam daquela maneira, e pouco a pouco a vão tirando; e, pisando-a em um pilão, a desfazem e põem em uma *urupema* ao sol; e depois a cozem, mal cozida, e às vezes depois de cozida, vem pedaços tamanhos como a cabeça dum dedo, crús, que parecem *minocurueras*; e com tanta areia, que se não fôsse a necessidade, ou se houvera outra, ainda que não tão bôa, se não comera.

Há muito pouco mel; e pelo mesmo caso não há cera nem nós dizemos nunca missa com duas candeias, salvo nas festas; e essas de Portugal. E aos brancos que estavam em *Ararunguape* mandava o Padre pedir alguma cera.

ESCRAVIDÃO E ANTROPOFAGIA

E' esta gente atreçoada, e de dous rostos, porque o que dizem à noite, ao outro dia fazem o contrario, e não se pode fiar deles; quando entram em casa a nada estão atentos do que se lhes diz; tudo é olhar e dar fé de quanto está em casa, e quanto vêem tudo pedem ainda que lhes não sirva pera nada. E parece que as lágrimas lhes saem pelos olhos com o desêjo daquilo que vêem. E se lhes dizemos que já não temos anzóis, facas, dizem: *sim tendes, ou ainda tendes mais.*

E como em tudo nunca falam verdade e são a mesma mentira, a nada dão crédito. Um moço de Boipitiba entrou em nossa casa dizendo ao Padre:

— *Mande-me abrir aquelas canastras.*

E dizendo-lhe o Padre:

— *E tu pera que queres ver?*

Respondeu:

— *Quero ver o que vem nelas pera lá o dizer a meu principal.*

E tudo isto lhes nasce de serem cobiçosíssimos. E poucos dias havia antes que nós aquí chegássemos que um índio, que vinha com um branco a trazer-lhe um pouco de resgate até o navio, estando ele dormindo lhe deu uma bôa com uma fouce pola cabeça por lhe tomar o resgate que trazia. E a cada passo roubam aos brancos, e os ameaçam. Mas a cobiça lhes faz logo esquecer tudo. E daqui vem a venderem-se uns aos outros com tanta crueldade, sem terem respeito às pessoas, que vendem, serem suas parentas ou não. E assim vendem a varejo quantos podem, scilicet, sobrinhos, sobrinhas e até alguns rapazes de menos de 15 anos têm ousadia pera venderem. Depois que aquí chegamos, té houve índios que venderam seus próprios

enteados, a própria mulher, outros vendem as verdadeiras sobrinhas porque não querem andar com elas, outro por se contentar de uma mulher casada, pera a haver, vendeu-lhe o marido. Outro pobre moço, estando pescando, vem outro por detrás e dá com ele no navio. Outro, senhor de uma casa e de bois, vindo vender um, foi ali vendido doutro. E o pobre, diz que chorava, dizendo muitas lástimas; e uma delas era que sendo principal de uma casa e tendo muitos criados, se via assim vendido. Isto me contou um branco que se achou presente. E está um branco vendo isto e não tem piedade!

Mas Nosso Senhor que é justo juiz permitiu que vindo este pola praia, ainda que amarrado, quebrasse as cordas e se lhe acolhesse. Outro está ou outros estão aquí, que venderam suas próprias madrastas, mãis de seus irmãos, estando ainda seus pais vivos. E que haja brancos que ousem a dizer ser lícito este resgate, que digo brancos: que haja religiosos que prèguem no púlpito que são os Patos gordos, e que bem se podem comer, e que haja Prelado que mande cá navio a tal resgate, mêdo tenho que hão-de achar alguma hora assaz de magros os Patos, que agora acham gordos! E permita Deus não lhes aconteça o que, em Almeirim, aconteceu a um que, mandando-lhe o médico que comesse dieta zombou disso, mandando concertar um pato, o qual comido, sarou. Mas perguntando o médico como se achara tão depressa bem, sabendo a causa disse à mulher:

— *Senhora, vosso marido comendo um pato sarou; pois olhai não coma outro, porque não morra.*

E assim foi, que tornando a recair, disse à mulher:

— *Mulher, já sei como esta minha enfermidade se cura; matai-me vós um pato, e crede-me.*

E assim o fez, e morreu.

E assim tenho medo aconteça a muitos dos que cá vêm...

Nós estamos espantados de se não pôr algum remédio nisto. E é de crer que se Sua Santidade e Sua Majestade isto soubessem que dariam algum, por se não fazerem tantas ofensas a Deus, porque, que razão há pera que se diga serem estes resgates lícitos, que poder tem ninguém pera me vender, e que poder tem o branco pera me comprar, de quem me não pode vender? Aquí não há senão pôr olhos no céu, e aos pés juntos crer o que crê a Santa Madre Igreja!

Já se venderam estes quantos tapuias tomam e comem, ainda que não são escravos, pelos livrarem da morte tiveram alguma desculpa! Digo, ainda que não são escravos, porque dizem estes: nós somos os que andamos aos saltos e à guerra a eles, que eles nunca vem a nós; mas é esta tão má gente que pelos comer, antes vendem seus parentes; e assim no comer carne humana são peiores que cães. E nem abasta tratarem com os brancos, nem serem muitos deles trazidos polos nossos Padres, nem terem já notícia das cousas de Deus pera se quererem apartar de a comer. E como os tapuias não estarão mais de 9 ou 10 léguas destes, todo ano e toda a vida andam aos saltos a eles, porque todos os meses vão a eles. Mas não há muitos dias que os tapuias os tomaram em uma cilada e mataram uma bôa soma deles.

Bem trabalhamos pelos tirar de tal trato. Parece não ser ainda chegada sua hora ou que tem alguns grandes pecados por onde não merecem ser ouvidos do Senhor, porque quem vende sua própria madrasta que o criou e está comendo tapuia, que pudera vender, para faltar parte de sua cobiça, não parece estar capaz pera ser ouvido do Senhor, quanto mais quem vendeu sua própria mãe!

CASAS E INSECTOS

As casas dos índios, como não haja terra, são todas de *jeçara* a pique. E da mesma maneira a nossa casa e igreja, que depois de seca, fica a casa tão clara, que não tem necessidade de abrir as portas. E assim dizíamos muitas vezes missa com a porta fechada, e comíamos sem abrir a porta, vendo da mesa quantos passavam e o mesmo nos viam de fóra. E como os ventos cá são grandíssimos de dia nem noite estávamos sem ele.

Há nesta terra grandíssimo número de imundícias, scilicet, bichos dos pés e muito mais pequenos que os de lá, de que todos andam cheios. E alguns meninos trazem os dedinhos das mãos, que é uma piedade, sem haver quem lhos tire. E um dia destes disse o Padre a uma índia que tirasse os bichos a uma sua filha. Respondeu: *çocoateim cece*. E não lhos tirou. E nós também que estes dous anos bem os sentimos. Pulgas não se pode crer, se se não experimentar, como nós experimentamos estes dous anos, assim no verão, como no inverno, porque grande parte do dia, se nos ia em matar pulgas. E elas foram a perdição de nossas camisas e ceroulas, que pareciam as pintas do sangue delas como pele de lixa. E a mim me aconteceu, por curiosidade, contar as que em uma noite tomei em mim, às apalpadelas, e chegarem a um cento, e pela manhã, ao sol, matar no cobertor trezentas e sessenta e tantas, com cada dia as matar. Agora vejam que podiam fazer 460 e tantas pulgas, afóra as muitas que fugiam. E daqui vinha a dizer o Padre, que não havíamos de adoecer, polas muitas sangrias que as pulgas nos davam; mas eu, pelo contrario, dizia que elas tiravam o

sangue bom, deixando o mau; mas não é de espantar haver tanta imundícia por tudo serem campos e areas, e haver infinidade de cães, de que estes são mui amigos, e principalmente da sujudade destes Carijós, os quais aonde a vontade de oirinar os toma, aí o fazem, scilicet, na rede, onde estão comendo, na porta, dentro em nossa casa, falando com homem, e muitas vezes nos nossos pés com as mãos e braços encruzados sem atentarem o que fazem nem se darem por achados de tal sujudade. E o que neste particular mais espanta é, que vem de sua casa pera a doutrina, e vêm oirinar a porta da igreja; vêm do mar, ou de buscar lenha, e vêm oirinar no lumiar da porta; e vêm de sua casa pera falar conosco, e vêm-nos oirinar à porta. E esta é a causa de haver tanta imundícia.

Além desta, há outra praga de grilos que nos destruíram os vestidos e livros, e são tantos, que matando cada dia grandíssima multidão, um dia por curiosidade quis contar os que tomamos e contei quinhentos e tantos; e ao outro dia creio foram mais, e se queria tomar 40 ou 50, às apalpadelas logo os tomava.

Mas sobre tudo isto, as baratas, que havia, não se pode crer, porque o altar, a mesa, a comida, e tudo, era cheio delas. E o Padre todos os dias tomava na sua capuça um monte delas e com armadilhas todos os dias tomávamos milhares e parece que sempre cresciam, até que chegou seu santiago, que foi dia de Nossa Senhora da Visitação que queimamos a igreja e assim pagaram.

QUALIDADES BOAS

Mas porque não seja tudo contar manqueiras e costumes de gente que não tem fé, quero agora também contar algumas cousas de edificação que entre eles

vimos. Primeiramente é gente boa de contentar, nem se toma de lhe darem menos que a outros. Não são ladrões, (98) que pera gente tão cobiçosa, é cousa mui notavel, não pelejam entre si; e, posto que são muito amigos de vinho, não se embebedam, antes bebem com tanta quietação que cem destes não fazem a matinada que lá fazem quatro, e estando uma casa cheias deles, bebendo, parece que não está alí ninguém. Todos estão assentados, quando estão bebendo, tirando alguns moços e meninos, que andam bailando e cantando; quando vêm de fóra, que hão de beber, já de lá vêm todos enfeitados e empenados; e chegando perto das casas, lançam a correr com quanta veemência podem, e com grandes gritas, sem terem de ver com nada, até o lugar aonde está o vinho. E cada um tem sua tripeça, em que está assentado, e sua cúia, e um índio anda com uma cuiaba cheia de vinho, e, com outra pequena, vai lançando nas cuias, que eles têm na mão, cantidade de um ovo; e assim nunca se embebedam. As índias não bebem, que é a melhor cousa que cá vimos. São naturalmente acanhados, gente pera pouco, maviosa, afeeminada, fóra de todo gênero de trabalho. Se tiverem medo far-se-á muito com eles pera as cousas de Deus.

ADORNOS

Todas suas riquezas e felicidade é terem muitos cabacos e muitas cuias, e assim entrar em suas casas é entrar em uma tenda, mas de cabacos, terem muita conta-

(98) Não há contradição. Quando antes se dizia que eram ladrões, tratava-se de saltos, para *se venderem* uns aos outros; aqui diz-se que não são ladrões, isto é que não roubam *as coisas* uns dos outros.

ria, e, assim, em suas festas, andam carregados delas. As mulheres as trazem nos pés e nos colos das mãos, e nos buchos dos braços, e ao pescoço, e às vezes tantas que as faz andar com o pescoço baixo com pêso; e por dous, três fiinhos de contas dão uma tipóia, e por um anzol uma galinha, a qual estimam mais que a saude de suas mulheres e filhos. Aquí aconteceu estar uma mocinha de parto e já muito mal, que cuidamos que não escapasse. Nunca o Padre pode acabar com seu marido que lhe matasse uma galinha pera ter força e botar a criança, dizendo: *Açauçub xerenbaba*, a qual dá por um anzol.

E assim mal e por má cabo lhe cozeu um ovo, em uma panela tão grande, que bem cabia alí dizer-se, grão de milho em boca de asno.

Estimam muito os moumas, que levam pera Angola, e outras que são como canudinhos que deita o mar fóra. E vão-nos buscar daquí a mais de 70 léguas. E com estas contas hão quanto querem dos Arachãs.

No comer da carne humana não há que falar, pois, que pola comer, vendem seus parentes, e são nisso peiores que as mesmas onças; no matar dos tapuias são cruelíssimos. E nos que trazem vivos a suas aldeias neles fazem seus filhos cavaleiros, scilicet, um índio grande lhe dá a primeira no toutuço, derribando-o. E isto com muitas festas, e muitas cerimónias. E depois de caído no chão, todos os meninos de seis, 7, 8, 9 anos, às pancadas, com a espada, lhe estão quebrando e machucando a cabeça e tomando nome. O que acabado sarrafam os pobres moços, mártires do diabo, e os escalam desde o pescoço, até as nadegas, com grandíssima crueldade. E dalí a um ano, pouco mais ou menos, jejuam todos os dias, não comendo carne, nem peixe, nem passáros senão alguns legumes, sem cortar o cabelo, o que acabado, com grandes festas e ajuntamentos, enfeitam aos moços, carregam-nos

de contas. E fazem seus vinhos. E dalí por diante ficam cavaleiros e desobrigados do jejum. Os Arachãs trazem o cabelo comprido como mulheres, e as mulheres trazem corôa como clérigos de missa, e algumas maiores. E deixando crescer o cabelo, como o de mais é comprido pera o chão, o círculo da corôa vai pera o céu. Vejam agora o que parecerão.

SUPERSTIÇÕES

Não costumam a fazerem caminhos, como os tapuias. São emperradíssimos: e se querem querem, e senão acabou-se. Quando matam algum dos seus, tiram-lhe as tripas pera que lhes não venha mal, metendo-as em um tujuco. Se algum toma algum tapuia e outro dos seus lho pede pera lhe quebrar a cabeça, por este benefício, que lhe faz em lho deixar matar, se obriga a lhe obedecer e a servir dalí por diante em tudo o que o quiser ocupar, ainda que seja vendê-lo, que tanto é o desejo que têm de matar. Se lhes vem a vontade, tomam as mulheres uns aos outros, e largam as suas, quando querem. Têm muitas feitiçarias e agouros, e, todas as vezes que hão de ir muitos a alguma parte, hão de levar feiticeiro consigo.

Têm um a que chamam *yeroquig*, que dizem ser um anjo, que veio do céu. E a este dão grande crédito. E este é o da sua santidade. Aqui tinha um índio cristão uns dous ou três maracás, mui guardados, que eram de muitos anos, em que parece lhes falava o demónio, os quais, havendo-os o Padre à mão, seu dono vinha depois perguntar que era o que lhe falaram os maracás. Mas eles, sem falarem, foram ao fogo.

Muito papel houvera mister se me pusera a escrever de-propósito as cousas destes Carijós. Mas basta sa-

ber, conforme ao que diz o Padre, que tem mais experiência dos índios, que não se tem achado tão ruim gente no Brasil. E se os brancos dizem serem os Carijós bons, é porque se lhes vendem. E até os mesmos Carijós estão dizendo: — *porque lhes vendemos nossos parentes dizem que somos bons.* E um índio Cristão, que connosco veio, dizendo sempre mal de seus parentes, dizia que, estando lá entre os brancos, eram bons. E isto mesmo experimentamos nós neste cristão, que depois que cá se viu entre seus parentes foi mui diferente do que ao princípio mostrou. E se querem saber que gente são os Carijós, este mesmo índio cristão, antigo entre os brancos, tinha, e tem cá um irmão cristão. E em espaço de dous anos nos não disse ser o irmão cristão; senão depois que o Padre o soube de outros, confessou ser cristão, e nunca foi homem pera dizer ao Padre procurasse a salvação de seu irmão, e com ir algumas vezes a sua casa, que não estava de nós muitas léguas, nunca o trouxe pera ouvir a palavra de Deus; antes dizem que o irmão lhe dera um pouco de milho e feijões, porque o não descobrisse. Eis aqui quais são os Carijós.

E na mesma Aldeia estavam tambem dous ou três cristãos sem se quererem descobrir havendo mais dum ano que entravam na igreja, e ouviam falar em ser cristão e um era cunhado deste mesmo.

O MODO QUE TEM OS BRANCOS EM SEUS RESGATES

O lugar, aonde os brancos vão resgatar, são dous rios que estão além da Laguna dos Patos, scilicet, Ararunguaba, e Boipitiba. Entrando pois os navios na Laguna, que é boa barra e segura pera qualquer negócio que succeder, mandam logo recado ao Tubarão, ou qual-

quer de seus irmãos, que são por todos quatro ou cinco. E nenhum deles é principal, nem no há em todo êste distrito, mas todos eles são feiticeiros, e por isso temidos dos outros. Estes Tubarões são todos tiranos, ladrões, e grandíssimos vendedores de seus parentes, e como os brancos não pertendam deles mais que venderem-lhe seus parentes, ou sejam causa de outros lhos venderem, a estes tem por seu ninho de guincho, e destes sós fazem caso, e a estes dão suas dádivas. E que dádivas! Roupetas e calções de damasco, raxetas, meias de agulha, camisas, chapéus forrados, aneis, cadeias de tiracolo de alquimia e todo género de ferramentas, contarias e resgates. E a estes não querem eles levar, nem ainda agravar em nada, antes os favorecem. E por causa destes não vieram os Arachães ter connosco, temendo que os vendessem, como continuamente fazem.

Isto presuposto, tanto que vai recado dos brancos, logo vem algum dos Tubarões, ou seu recado. E logo, por sua via, vão correios ao sertão dar novas de como estão navios na barra e que trazem muitas ferramentas, vestidos, e resgate, que tragam muita gente. E estão tão longe os Arachãs, aonde vai este recado, que as vezes põem, em ir e vir, três, quatro meses. E entretanto, os brancos trabalham por haver alguns dos tapijaras, e algumas redes e tipóias, que quanto é o aviarem-se depende dos que hão de vir do sertão, porque em vindo, em sete, oito dias se aviam porque não há mais que pôr alí o resgate e embarcar a peça. E se me perguntarem quanto dão por cada peça, a isso respondo, que não sei se chega a valia de mil e quinhentos reis. E como de feito não chega já.

O MODO QUE TEM OS ÍNDIOS EM VENDER

Tanto que chegam os correios ao sertão, de haver navio na barra, logo mandam recado polas Aldeias pera virem ao resgate. E pera isso trazem a mais desobrigada gente que podem, scilicet, moços e moças órfãs, algumas sobrinhas, e parentes, que não querem estar com eles ou que os não querem servir, não lhe tendo essa obrigação; a outros trazem enganados, dizendo que lhe farão e acontecerão e que levarão muitas cousas; e outros muitos vêm por sua própria vontade, com suas peles, redes, e tipóias, pera resgatarem com seus parentes o que tem necessidade. E a estes tais em pago de lhes trazerem de tão longe (que muitas vezes com a fome e cansaço morrem) o fio, redes, tipóias, e pelejos, vendem os Tubarões aos brancos. E os que vêm, apelidados pelos outros tanto que chegam ao navio, qual de baixo, qual de cima, o que menos pode dão com ele no navio. E assim vendem aos pobres com tão grandíssima crueldade sem lhe terem obrigação alguma. E podendo vender os tapuias, que tomam, antes os querem comer, e vender seus parentes. Depois que nós aquí chegamos houve algumas vendas lastimosas, scilicet, um mocinho estava pescando pera sua mãe, que vai agora connosco, veio por de trás um destes Tubarões e tomou-o, e foi vendê-lo; outro pediu um moço emprestado pera lhe trazer um carregô ao navio, e, em pago disso, vendeu-o; outro vendeu dous filhos de sua mulher, que o mantinham e o serviam. E a pobre da mãe, quando isto viu, foi-se meter tambem no navio. Outro contentou-se de uma índia casada, e pera a tomar pera sua mulher, vendeu-lhe o marido. E destes a cada passo. Outro moço vindo aquí, aonde nós estávamos, vestido em uma camisa, perguntan-

do-lhe quem lha dera, respondeu que vindo polo navio dera por ela e por alguma ferramenta um seu irmão; outros venderam as próprias madrastras, que os criaram, e mais estando os pais vivos. E aquí nos contou um homem branco uma cousa lastimosa, que passou diante dele, e foi, que trazendo um índio, honrado senhor de uma casa e muitos bois, uma peça a vender, estando-a vendendo, veio outro e ferra dele, e vende-o aos brancos; e o pobre diz que estava chorando e dizendo mil lástimas com se ver amarrado e vendido, sendo ele senhor de uma casa e estimado, e os brancos que tal consentiam. Por isso eu digo que os Patos que agora parecem gordos e que dizem poderem-se comer, virá tempo em que serão bem magros e bem amargosos. Este índio permitiu Deus que no caminho quebrasse as cordas com que vinha amarrado e se acolhesse.

Este é o modo que se cá tem no comprar e vender almas, que custaram o sangue de Cristo. E estas são as consciências dos brancos que cá vêm. Mas de que nos espantamos? pois os religiosos e vigairos e administrador e governador do Rio etc. mandam cá e com esta capa se defendem os que cá vêm, dizendo que têm mulher e filhos, e que, se os sobreditos cá mandam, quanto mais eles!...

E por esta causa nos pareceu *in Domino* não se poder fazer nada com estes, assim pola pouca ajuda que dos brancos temos, antes muita desajuda, como por estes estarem tão metidos nestas vendas e cobijas, e não termos força para os podermos sujeitar à lei de Deus, o que se pudera facilmente fazer se tiveram de quem haver medo, por ser gente coitada e acanhada.

Agora tivemos novas que um principal Arachã se desconcertara com os brancos, acerca do resgate, que parece que um Tapijara lhe fez algum agravo, ao qual man-

dou queimar a casa e tomar-lhes as mulheres, e ele acolheu-se como dizem a unha de cavalo. E este principal disse aos brancos que se não espantassem se ele fizesse algum agravo àqueles Tapijaras, porque eles eram causa de ele nos não ver. E por diversas vezes soubemos como os Arachãs desejavam vir ver-nos, mas com medo daqueles Tubarões, que têm tapado aquele caminho não vinham, nem há outro lugar por onde possam passar pera cá (99).

(99) Termina aqui o manuscrito. Seguem-se umas breves notas ou lembranças do autor, para futuro desenvolvimento, que se não fez:

“Do que aconteceu com c^a etc.

Não quiseram trazer cobertura pera a igreja sem paga, nem pera nossa casa

Do que aconteceu com Itacuruba

Do caso de Jaroaroba

Anhangari que o fossemos lá bautizar etc.”